

PERSONAGENS APRISIONADOS: REFLEXÕES A PARTIR DAS OBRAS *ENTRE QUATRO PAREDES, O CASO DOS DEZ NEGRINHOSE O ANJO EXTERMINADOR*

**Imprisoned characters: reflections based on the works
*No Exit, And Then There were None and The
Exterminating Angel***

Iuli Gerbase
PUCRS

Resumo: O presente artigo pretende estabelecer uma análise comparativa de três obras que apresentam personagens presos em um ambiente: o livro *O Caso dos Dez Negrinhos*, de Agatha Christie, a peça *Entre Quatro Paredes*, de Jean-Paul Sartre e o filme *O Anjo Exterminador*, dirigido por Luis Buñuel. Apesar de pertencerem a autores de gerações e países distintos, as três obras revelaram diversos pontos em comum, ao expor o sofrimento dos personagens e suas reações à situação de aprisionamento. O artigo estende-se para além destes três trabalhos e aborda a questão das prisões naturais às quais nos submetemos diariamente.

Palavras-chaves: Estudo comparativo, personagens, literatura, dramaturgia, cinema.

Abstract: *This article aims to establish a analysis based on the comparison of three works that presents characters imprisoned in an environment: the book *And Then There Were None*, by Agatha christie, the play *No Exit*, by Jean-Paul Sartre and the film *The Exterminating Angel*, by Luis Buñuel. Although they belong to authors from different generations and countries, the three works presented many points in common, by revealing the suffering of the characters and their reactions to their imprisonment situation. The article grasps beyond these three works and addresses the issue of the natural prisons to which we submit daily.*

Keywords: *Comparative studies, characters, literature, dramaturgy, cinema.*

São inúmeras as obras, em diferentes meios artísticos, seja a literatura, a dramaturgia, ou cinema, que apresentam personagens enclausurados em um ambiente durante toda a narrativa. Os personagens podem permanecer no mesmo lugar por vontade própria ou por imposição de fontes externas. É o segundo caso que foi escolhido como objeto de estudo para este artigo. O intuito é analisar os pontos em comum e os desdobramentos das narrativas que desenvolvem sua trama com esta limitação de espaço.

Após o levantamento de diversos títulos, foram escolhidas três obras para serem analisadas com maior aprofundamento: a peça *Entre Quatro Paredes*, de Jean-Paul Sartre, o romance *O Caso dos Dez Negrinhos*, de Agatha Christie e o filme *O Anjo Exterminador*, dirigido e escrito por Luis Buñuel, baseado em uma peça inacabada de José Bergamín. Esta escolha resultou em três obras de formatos, nacionalidades e décadas diferentes: uma peça de 1944 de um autor francês, um romance de 1939 de uma escritora inglesa e um filme de 1962 de um cineasta espanhol. Esta multiplicidade não impediu que diversas semelhanças tenham sido encontradas.

Na peça *Entre Quatro Paredes*, os personagens Garcin, Estelle e Inês encontram-se presos em uma sala, onde foram introduzidos por um criado que aparece somente nas primeiras cenas. Os três estão mortos, apesar de muito falantes e com aspecto de vivos. As regras daquele inferno, cuja porta está trancada, os impossibilitam de chorar, fechar os olhos, apagar as luzes e dormir. Há uma campainha para chamar o criado, mas como ele mesmo os avisou, ela tende a não funcionar. “O inferno sartriano caracteriza-se por uma violenta distorção de tempo e espaço (tempo máximo - a eternidade - em um espaço mínimo - um cômodo.)” (LECHERBONNIER, 1972, p. 29). Ao longo da trama, eles confessam os crimes que os levaram até ali: Estelle matou a filha que teve com um amante, Inês indiretamente levou à morte um homem e uma mulher com quem tinha uma relação e Garcin, além de torturar emocionalmente sua esposa durante o casamento, foi covarde ao fugir do serviço militar. “Quase sem tocar o corpo, a guilhotina suprime a vida, tal como a prisão suprime a liberdade, ou a multa tira os bens.” (FOUCAULT, 1987, p. 16). Os três sofrem, portanto, um castigo duplo: além de mortos, estão presos, com espaço, ação e companhia restritos. Estelle achava que juntaria-se a amigos e familiares depois de morta, mas, para sua tristeza, só encontra Inês e Garcin. Após um curto porém perturbador convívio com as duas mulheres, Garcin conclui,

com a frase mais famosa da peça, que resume a filosofia presente nela: “o inferno são os outros”.

Em *O Caso dos Dez Negrinhos*, dez pessoas de diferentes classes sociais, profissões e idades encontram-se em uma ilha a convite de um misterioso homem que assina suas cartas como U. N. Owen. Ao final do primeiro jantar em sua mansão, um gramofone reproduz uma gravação que delata crimes executados por todos os convidados. Eles ficam agitados, alegando veemente sua inocência. Em seguida, Anthony Marston, o convidado mais jovem, cujo crime fora ter atropelado fatalmente duas pessoas, morre ao engolir rapidamente sua bebida. Após a segunda morte, a da servente Sra Rogers, eles começam a suspeitar que a morte de Anthony não foi um acidente. O mar extremamente revolto em volta da ilha os impossibilita de sair dela. À medida que os convidados morrem um a um, torna-se claro que, além de haver um assassino na ilha, ele provavelmente é um deles. Quando não resta mais nenhum, como no título original do livro *And Then There Were None*¹, descobrimos, por meio de uma carta escrita pelo juiz Wargrave anteriormente à sua morte, que ele é o culpado. Seu plano, executado com perfeição, era corrigir um sistema de justiça debilitado e punir aquelas pessoas criminosas que conseguiram contornar a lei por falta de evidências claras que os condenassem à prisão.

Em *O Anjo Exterminador*, um casal de anfitriões recebe em sua mansão, com ajuda de apenas um mordomo, vinte convidados. Todos estão vestidos com elegância e pertencem à burguesia. Ao final do jantar, sem nenhum motivo aparente, os convidados não motivam-se a ir embora. Alguns, bêbados ou com sono, espalham-se pelos sofás. Outros anunciam que devem ir embora, pois tem compromissos na manhã seguinte, mas permanecem ali. Todos dormem na sala, como se essa atitude fosse normal. A anfitriã, Lucia, é a única que demonstra estar incomodada com a situação. Na manhã seguinte, ela pede ao mordomo que lhes prepare o café da manhã. Ele consegue ir apenas à cozinha e voltar, sem adentrar o restante da casa. Aos poucos, os convidados tomam consciência da sua impossibilidade de sair da sala, apesar de não haver nenhum obstáculo físico ou meteorológico que os prenda ali. Passa-se um longo tempo, que não é definido em nenhum momento, mas eles conseguem sobreviver bebendo a água que vaza do encanamento estourado. Quando Leticia, uma das convidadas, percebe em determinado instante que, por acaso, todos encontram-se no exato mesmo lugar onde estavam após o jantar, pede que eles reproduzam exatamente as ações que haviam realizado depois de

¹ Tradução para português: “E então não havia ninguém”.

comer. A repetição liberta-nos, e eles conseguem sair da casa. Na última sequência do filme, todos encontram-se em uma igreja para a missa e, no final da cerimônia, não conseguem sair dela. Estão novamente condenados.

É possível encontrar inúmeras semelhanças entre as três obras. A interação entre os personagens é fortemente intensificada pelo seu aprisionamento. Pela falta de saber como lidar com a situação, seus sentimentos ficam confusos. Com os ânimos agitados, as relações desenvolvem-se de maneira mais rápida e brutal que em uma situação normal. Os seus desejos movimentam-se como bolas de ping-pong arremessadas em uma caixa fechada: a colisão é inevitável.

Os personagens estão condenados a uma convivência forçada. Em determinado ponto da trama, ou, no caso de *Entre Quatro Paredes*, ao longo de toda narrativa, eles não estariam ali, com aquelas pessoas, se tivessem escolha. Pequenas ações de um personagem, portanto, podem começar a irritar outro profundamente. Em *O Anjo Exterminador*, Silvia, uma das convidadas, aproxima-se do espelho e começa a pentear o cabelo. Exausta e desanimada, Silvia penteia somente o início do cabelo, sem levar o pente até as pontas. Francisco a observa, ficando cada vez mais irritado. Ele vai até Ana e fala, desesperado: “Não posso mais, Ana. Não posso mais. Juro. Não aguento mais essa monstra penteando metade do cabelo. Eu a odeio! Eu prefiro fome e sede a ter que suportá-la”. Ana tenta ensinar Silvia a pentear o cabelo, mas Francisco arranca o pente de sua mão e o quebra. Ana explica para Silvia: “Não podemos suportar as suas manias”. Em *Entre Quatro Paredes*, encontramos a mesma situação. Antes de Estelle chegar na sala, Garcin e Inês, após trocarem poucas frases, já não simpatizam um com o outro. Garcin sugere, então, que eles façam esforço para tratarem-se com polidez. Inês retruca que não é uma pessoa polida. Ele diz que, então, deverá ser polido pelos dois. Garcin fica sentado em seu sofá, em silêncio, enquanto Inês anda de um lado para o outro, nervosa. Ela dispara contra ele:

“Inês (*Olhando-o*): Essa boca.

Garcin (*Voltando a si*): Como é?

Inês: Não é capaz de fazer parar sua boca? Ela gira como um pião debaixo do nariz.

Garcin: Desculpe. Não tinha percebido.

Inês: É justamente o que estou censurando. (*Tique de Garcin*). De novo!

Pretende ser bem educado e deixa sua cara assim, à toa? O senhor não está

sozinho e não tem o direito de me impor o espetáculo do seu medo.”
(SARTRE, 1944, p.5)

O tique da boca de Garcin incomoda Inês por ser uma manifestação do nervosismo e medo dele por estar naquela sala. Ela também sente-se assim, e um tique que sublinhe estas sensações não é bem vindo. Entretanto, Inês pretende disfarçar seus sentimentos e mostrar-se inabalável. Quando Garcin, em seguida, pergunta se ela também não sente medo, ela responde: “Pra quê? O medo era bom antes, quando a gente ainda tinha alguma esperança”. Ela tenta adotar a postura de que, se não há solução para o problema, solucionado está.

Mesmo que os personagens cheguem a odiar-se em muitos momentos, eles procuram seguidamente a aprovação dos outros, tanto em *Entre Quatro Paredes* quanto em *O Caso dos Dez Negrinhos*. Na primeira obra, não há espelhos onde os personagens possam fazer uma auto avaliação. Os olhos que nunca fecham sob as luzes sempre acesas representam um olhar julgador constante. “Os três prisioneiros entre quatro paredes não podem evitar falar, não podem se calar. Por quê? Porque as duas co-presenças os forçam a existir não somente para si mesmos, mas também para os outros.” (LECHERBONNIER, 1972, p. 29), Garcin, Estelle e Inês operam ao mesmo tempo como ser que julga e como objeto que é julgado. Uma função não anula a outra, e a aprovação do outro é uma questão de honra. Garcin precisa que as duas mulheres entendam que, apesar de ele ter fugido do serviço militar, ele não é um covarde. Ter sido um péssimo marido não o envergonha, porém a sua suposta covardia o assombra eternamente. Ele implora a Estelle que ela lhe diga que não concorda com o que os outros dizem sobre ele:

“Garcin: E você? Pois bem, escute: você vai me fazer um favor. Não, não diga que não. Sei que você há de achar esquisito que se possa pedir um favor a você, já que não está habituada a isso. Mas, se quisesse, se fizesse um esforço, nós poderíamos nos amar de verdade. Veja só: são mil a repetir que sou um covarde. Mas o que são mil? Se houvesse uma alma, uma só, que afirmasse com todas as suas forças, que eu não fugi, que eu não posso ter fugido, que eu tenho coragem, que sou um sujeito direito, tenho... tenho certeza de que me salvaria. Acredite em mim. Eu ficaria gostando de você mais do que de mim mesmo.” (SARTRE, 1944, p.20)

Em *O Caso dos Dez Negrinhos*, conseguir a aprovação do outro, provando sua própria inocência, é uma forma de proteger-se, visto que uma pessoa inocente que não se considera um assassino não tentará matar. Ao mesmo tempo, saber julgar os outros é essencial para a

sobrevivência. Os personagens do livro, que desconheciam-se até então, possuem poucas informações sobre o passado de cada um, mas precisam descobrir rapidamente quem entre eles é o assassino, antes que seja tarde demais. A dinâmica de *julgar / ser julgado, ser juiz / ser objeto* está presente durante toda narrativa e é um dos elementos que ajuda a criar a atmosfera de suspense.

Criar uma parceria confiável cria uma ilusão de segurança em meio a tanto terror. Após os dois primeiros assassinatos, começa-se a criar a hipótese de que o assassino possa ser um dos dez convidados. Vera Clayborne e Philip Lombard estão a sós no peitoril da janela, quando ela questiona: “Se... se realmente for um deles... quem você pensa que seja?” Philip responde: “Segundo vejo, você faz exceção de nós dois? Bem, está certo. Sei perfeitamente que não sou o assassino e não creio que você tenha algo de doida, Vera. Dá-me a impressão de ser uma das moças mais ajuizadas e de cabeça mais sólida que já encontrei. Aposto a minha reputação na sua sanidade mental.” Vera apenas agradece, o que não é suficiente para ele, que lhe sonda: “Então, senhorita Vera Claythorne, não vai retribuir o cumprimento?” Sua resposta é: “Você já admitiu, como sabe, que não considera a vida humana particularmente sagrada, mas assim mesmo não posso imaginá-lo como... como o homem que ditou aquela gravação.” Philip concorda, aliviado com sua absolvição.

O sentimento de culpa atordoa todos personagens de *Entre Quatro Paredes* e de *O Caso dos Dez Negrinhos*. Eles não podem desfazer os crimes que cometeram. Resta-lhes, então, a possibilidade de serem compreendidos. Os juízes disponíveis são aqueles que encontram-se presos com eles. Racionalmente, não há sentido em buscar aprovação de alguém que realizou um ato ainda pior, mas para eles isto já bastaria. Perdoar a si mesmo não elimina o sofrimento. É preciso que outro, mesmo que um criminoso, aceite suas argumentações.

“O outro me obriga a me ver através do pensamento dele. Logo, para obter uma verdade qualquer sobre mim, devo passar pelo outro. Resumindo, eu preciso do outro, que depende de mim. (...) A situação do homem sequestrado (sobretudo se ele está com outros) favorece uma tomada de consciência e um desejo de julgamento” (LECHERBONNIER, 1972, p.16)

Nas três obras, de maneira mais evidente ou menos, o enclausuramento é uma forma de punição dos personagens, seja no inferno, representado por um salão estilo Segundo Império, em uma ilha particular ou em uma mansão. Nenhum dos prisioneiros é inocente. Em

Entre Quatro Paredes e em *O Caso dos Dez Negrinhos*, os crimes são mais óbvios, a maioria deles assassinatos. Em *O Anjo Exterminador*, entretanto, são revelados aos poucos alguns dos pecados dos personagens: preguiça, inveja, ganância, luxúria, egoísmo. Esta última obra, devido ao seu caráter surrealista, marco do diretor Luis Buñuel, é a que menos apresenta explicações sobre o aprisionamento. A peça de Sartre segue a lógica cristã, condenando ao inferno os pecadores. O final do livro de Agatha Christie explica detalhadamente por que e como foi realizada a prisão e execução dos dez ilhados. Em *O Anjo Exterminador*, nem o início nem o término da condição de enclausuramento apresentam uma lógica clara. Os personagens não aceitam, em um primeiro momento, esta incoerência. Tentando colocar a culpa em alguém, um hábito comum do ser humano, apontam para Carlos Nóbile, o anfitrião. “Você que nos colocou nesta armadilha. Você nos fez vítimas desta piada cruel, ou o que quer que seja.”, acusa um dos convidados. “Aqui não há mais que um culpado desta situação degradante. É você”. Este é outro modo de buscar a redenção: acusando e rebaixando os demais. Denunciar o outro é uma forma de ganhar tempo para não ser denunciado.

Em *O Caso dos Dez Negrinhos*, o castigo é óbvio e irreversível: a morte. Todos os personagens são assassinados. Para a última sobrevivente, Vera Clayborne, é preparada uma forca, onde ela pune a si mesma. Em *Entre Quatro Paredes*, Garcin percebe o quanto a convivência entre os três é sofrida e enlouquecedora. Garcin chega mais perto de sentir que foi perdoado quando Estelle afirma que não o considera um covarde. Sua ilusão é despedaçada quando Inês prontamente lhe revela que Estelle diria qualquer coisa para lhe agradar, pois precisa da companhia de um homem. Garcin, frustrado, tenta abrir a porta da sala, e berra:

“Abram, vamos! Eu aceito tudo: as botinadas, os ferros, o chumbo quente, as pinças, o garrote, tudo que queima, tudo que estraçalha; quero sofrer pra valer. É melhor levar cem mordidas, chibatadas, ácido sulfúrico do que este sofrimento mental, este fantasma de sofrimento, que acaricia e nunca dói o bastante”. (SARTRE, 1944, p. 21)

Este favoritismo pelo sofrimento físico à tortura lenta da convivência também é notado em *O Anjo Exterminador*, como na cena citada acima, em que Francisco quebra o pente de Silvia ao vê-la penteando-se no espelho. “Uma série prolongada de privações penosas, poupando à humanidade o horror das torturas, afeta muito mais o culpado que um instante passageiro de dor.” (LE TROSNE, 1765, p.4)

Outra punição presente no filme de Buñuel é a degradação física e psicológica dos convidados. Eles estão acostumados às suas vidas burguesas, que, além de lhes trazer conforto, também lhes propicia relações baseadas na polidez e no respeito, mesmo que às vezes dissimuladas. Após um longo e indefinido tempo passado na mansão, os personagens não possuem mais energia para manter o escudo da gentileza. Eles estão dormindo no chão, sujos e doentes, tendo suas falhas de caráter reveladas e brigando entre si. Assam um cordeiro em uma fogueira improvisada, assemelhando-se cada vez mais a homens pré-históricos. “As circunstâncias muitas vezes atozes de nosso combate nos tornaram capazes de viver, enfim, sem disfarces e sem véus essa situação dilacerada, insuportável que se chama a condição humana.” (SARTRE, 1944, p. 1)

O fato de estar preso traz a noção de que se é culpado, caso contrário o prisioneiro não encontraria-se ali. Com esta consciência, alguns personagens remoem-se ao lembrarem-se de seus crimes. Quando tentam declarar sua inocência, os outros não acreditam. Em *Entre Quatro Paredes*, Estelle responde, ao ser questionada sobre o que a levou ao inferno: “Mas eu não sei, realmente não sei! Fico até me perguntando se não foi um engano”. Inês, o personagem mais cínico dos três, tem um ataque de riso ao ouvi-la e replica: “A gente tá no inferno, mocinha, aqui nunca há engano. E as pessoas não são condenadas à toa”.

Há um incidente inesperado presente nas três obras: o momento em que algum personagem é seduzido pelo enclausuramento e, mesmo com a possibilidade de sair, sente desejo de permanecer ali. Em *Entre Quatro Paredes*, quase no fim da peça, Garcin implora que abram a porta, pois prefere a tortura física à mental pela qual está passando. A porta abre sozinha, e Inês o provoca: “E então, Garcin? Pode ir”. Garcin fica confuso e hesitante. Decide não sair, com a desculpa de que deve convencer Inês que ele não é um covarde. As duas mulheres também preferem ficar, e Garcin fecha a porta. Nenhum dos personagens sabia o que os esperava no corredor. Poderia ser algo melhor, ou ainda mais torturante que a sala deles. Na dúvida, decidem não apostar na sorte e permanecer onde estão.

Em *O Anjo Exterminador*, sempre a obra mais aberta a interpretações, nunca é imposto explicitamente que os personagens não conseguiriam sair dali se quisessem. Quando falam em sair, caminham até o limite da sala e arranjam alguma distração que os fazem esquecer seu objetivo. Não vemos nenhum deles correndo até o limite da sala e sendo bloqueados por um obstáculo invisível. Há janelas na sala, mas ninguém pensa em abri-las. Quando Letícia manda

que todos repitam suas ações posteriores ao primeiro jantar, ela os convence que esta será a solução. Todos conseguem sair, como se o feitiço que os encantava tivesse terminado. Dito isso, eles não teriam possivelmente permanecido todos naquela mansão apenas por inércia?

Em *O Caso dos Dez Negrinhos*, esse sentimento ocorre para o General Macarthur, que revira-se na cama antes de dormir. Entre muito pensamentos, ele reflete:

“Quando poderemos ver esta ilha pelas costas?” Pensou. ‘Amanhã, naturalmente, quando viesse a lancha.’ Engraçado, mas precisamente nesse instante ele não sentia grande desejo de sair da ilha... Voltar para a terra firme, para a sua casinha, enfrentar novamente todos os incômodos e ansiedades. Pela janela aberta, podia ouvir as ondas baterem contra os rochedos... agora um pouco mais alto do que ao cair da noite. O vento começava a soprar mais forte, também. ‘Som tranquilo... Lugar tranquilo...’, pensou ele. ‘O que uma ilha tem de melhor é que quando se chega... não se pode ir mais longe... alcançou-se o fim das coisas.’ De súbito, o general compreendeu que não desejava mais sair da ilha.” (CHRISTIE, 1939, p. 141)

O General encontra-se na mesma paz de quem aceita o final da vida no leito de morte. Aceita o seu fim e não deseja ir adiante. Revela-se aqui, também, o outro lado da condição de enclausuramento: um novo tipo de liberdade. Ao encontrar-se em um lugar de onde não pode sair, o detento está livre das pequenas prisões que encontrava na sua rotina anterior, das obrigações impostas pela sociedade que regem a vida do ser humano dito civilizado.

No livro *O Caso dos Dez Negrinhos*, há um comportamento que, apesar de não ser questionado por nenhum dos personagens, parece estranho quando analisamos a obra mais profundamente. Já no capítulo três, ao conversar sobre como foram convidados para a ilha por U. N. Owen, o misterioso dono da mansão, os personagens percebem que o convite foi um embuste no qual todos foram ludibriados. Os mordomos Sr. e Sra. Rogers haviam sido contratados através de uma carta, mas nunca viram o Sr. Owen pessoalmente. No final do terceiro capítulo, o Juiz Wargrave conclui: “Oh! Sim. Não abrigo a menor dúvida de que fomos convidados a esta casa por um louco... provavelmente, um perigoso louco homicida.” Visto que as supostas relações dos dez prisioneiros com U. N. Owen foram anuladas, por que o Sr. Roger continua agindo como mordomo, sendo servil aos outros, até a sua morte no capítulo onze? Não há nenhuma razão lógica para que ele mantenha sua posição de submissão aos outros. Seu contratante é, como dito por Wargrave, um louco homicida, que tem sua verdadeira identidade desconhecida. Rogers não receberá pagamento pelo seu serviço nem

deve favores aos convidados. A servidão do mordomo é, portanto, apenas uma repetição dos hábitos com os quais ele estava acostumado. Servir o jantar e auxiliar os outros já é um movimento mecânico para este personagem.

Essa atitude de Rogers pode ser justificada, além de pela simples ação por inércia, pelo costume dos seres humanos de definirem-se a partir da sua ocupação, do trabalho que desempenham diariamente. Ao conhecermos alguém, sempre uma das primeiras perguntas que levantamos é: “Você faz o quê?”. A resposta, que deve mencionar alguma profissão ou campo de estudo, sacia boa parte da nossa necessidade de decifrar o interrogado. O autor José Gaiarsa reflete que é difícil para nós abandonarmos totalmente nossas atividades, pois não fomos educados para isto:

Quando deixamos de “fazer força”, então “não estamos fazendo nada”, assim aprendemos todos, desde a infância. Que quer dizer isto? Sumimos? Deixamos de ser? O caso de tensões mais ou menos constantes, que dão à pessoa sua noção subconsciente de identidade, de “sou eu mesmo e sempre eu”. Nada em nossa educação e em nosso mundo nos ensina este abandono, que pode ser, instinto, tão deliberado e tão fino como a mais fina e deliberada atividade. Daí que as pessoas, quando as convidamos a “se libertarem”, entram em pânico. Abrandar as tensões habituais é “deixar de existir” ou é “depois não sei o que pode acontecer” (GAIARSA, 1976, p.78).

Em *Entre Quatro Paredes*, quando Inês presume que Garcin seja seu carrasco ao conhecê-lo, ele reage com espanto, seguido por muitas risadas. Ele prontamente corrige o seu engano e clarifica: “Carrasco! Eu sou Joseph Garcin, jornalista e literato”. Mesmo depois de morto, Garcin fala que “é” jornalista, não que “era”. A profissão ainda define seu ser, apesar de não poder praticá-la naquele novo ambiente infernal.

Já no filme *O Anjo Exterminador*, o exercício da profissão parece não ser tão importante quanto o cumprimento das normas de etiqueta. Os personagens presentes no jantar, com exceção do mordomo, encontravam-se anteriormente em uma ópera, evento frequentado pela burguesia, o que os nivela socialmente. Todos estão cientes da sua classe social elevada e dos deveres comportamentais que ela traz consigo. Em uma cena em que alguns personagens começam a alterar o tom de voz em meio a uma briga, o doutor Carlos Conde tenta acalmá-los, lembrando-os: “Senhores, lembrem quem são, como foram educados”. O plano seguinte a esta discussão mostra Leticia sentada no sofá, descabelada e cansada, porém passando batom nos lábios.

Buñuel utilizou a repetição como um recurso de montagem para enfatizar o enclausuramento dos personagens em suas rotinas burguesas. Repetem-se duas vezes: a entrada dos convidados na casa, o brinde do anfitrião na mesa de jantar e a fala “Estás mais interessante que nunca. O desalinho lhe cai muito bem”. O diretor afirma que há mais de vinte repetições no filme, algumas mais evidentes que outras.

Todas estas repetições que, segundo confessa o próprio Buñuel, lhe ocorreram durante a filmagem, reiteram em menos medida a circularidade regressiva da estrutura do conjunto (concebida desde o roteiro), que imita a estrutura mental dos personagens. Ao instaurar um tempo ritual, a repetição tem uma função calmante para as mentes frágeis: a classe dominante, ancorada em seus conformismos tranquilizadores, só pode reproduzi-los até a saciedade. (MURCIA, 2001, p.13)

Os carneiros que circulam pela casa são um dos elementos surrealistas presentes no filme. Há uma possível relação destes animais com os convidados: são seres que obedecem comandos. Os carneiros são guiados por um pastor, assim como os burgueses são guiados pelos costumes e pelas normas da sociedade.

Uma interpretação possível da resolução do filme é que a repetição derradeira foi o que libertou os personagens. Analisemos alguns fatos: eles começam a reconhecer sua situação de prisioneiros após terem dormido na sala dos anfitriões, um comportamento absolutamente contrário àqueles com que estão habituados. Quando questionam uns aos outros por que decidiram ficar noite adentro, uma convidada responde: “Adoro as coisas que saem da rotina”. Após esta quebra de rotina, entretanto, os personagens encontram-se perdidos, de certo modo amaldiçoados. Tudo ao seu redor sai dos padrões usualmente presentes em sua rotina burguesa: suas maquiagens apagadas, as roupas amassadas, os ânimos agitados, a grosseria, a refeição improvisada. Apenas uma repetição em massa no final do filme, quando Letícia ordena que todos reproduzem suas ações e falas de um momento anterior, permite que eles saiam da casa. O único modo de voltar à vida funcional é restabelecer a repetição.

As repetições estão presentes durante toda nossa vida. Mesmo quando bebês, ainda sem nenhuma obrigação, somos induzidos a mamar repetidamente, ato que faz parte da nossa primeira estrutura de rotina. Posteriormente vamos, usualmente nesta ordem, à creche, ao colégio, à universidade e ao trabalho. Nestes lugares, onde devemos permanecer durante um tempo determinado, nos são impostas certas atividades. Também são apresentadas, de maneira

explícita ou subentendida, restrições quanto ao modo como devemos nos portar dentro deles. Em última análise, vivemos diariamente em pequenas prisões.

Ao longo da vida, assinamos diversos contratos aprisionadores. O contrato de aluguel de um apartamento delimita a nossa moradia. O contrato do casamento civil restringe-nos a um relacionamento monógamo. O contrato de uma bolsa de doutorado estabelece uma relação de compromisso do aluno com a universidade por quatro anos. Nenhum destes contratos é obrigatório, mas nós os assinamos, geralmente com satisfação. É possível dizer que a prisão voluntária, portanto, é algo que nos traz prazer? Fomos educados de tal modo que a liberdade total nos assustaria? Bauman acredita que sim: “O espectro da incerteza, portanto, é exorcizado pelo disciplinamento. A certeza é restaurada por forças externas ao indivíduo - a partir de fora. Em última análise, a cura moderna para a incerteza resumiu-se a encurtar o domínio da escolha.” (BAUMAN, 2011, p. 147)

Os personagens das três obras analisadas estão, portanto, de certa forma livres, temporariamente ou para sempre, das obrigações com que estavam acostumados. Garcin, Estelle e Inês nunca mais se preocuparão com o pagamento de contas, o preparo de refeições ou alguma tarefa diária a desempenhar. Entretanto, como já expressaram Bauman e Gaiarsa, esta liberdade pode ser negativa. Quando Branca, no filme de Buñuel, fica indignada com Rita pela falta de preocupação com seus filhos, ela responde que eles têm um ótimo tutor em casa, e não há motivos para apressar a saída. Ela está feliz ao encontrar-se temporariamente desatrelada aos seus deveres maternos. Os personagens estão, ao mesmo tempo, presos e livres.

Imaginemos, agora, um homem completamente livre. Abastecido com uma fortuna que, mesmo com muitos gastos, durará até o fim de sua vida, ele não precisa trabalhar. Não possui chefe a quem deve obedecer nem família para cuidar. Nenhum rotina o prende. Pode realizar a atividade que desejar no local onde preferir. Este homem não conseguirá escapar, entretanto, de uma prisão perpétua a qual todos nós estamos condenados: o próprio corpo.

Nossos corpos apresentam uma sucessão de limites. A questão mais trágica é que ele possui um prazo de validade incontornável. A expectativa de vida do brasileiro é de setenta e cinco anos.² Se formos um dos casos que ficam famosos na internet pela sua raridade, chegamos aos cento e poucos anos. Este corpo perecível apresenta exigências, visto que, caso

² Segundo dados do IBGE publicados no Diário da União nº 229 em dezembro de 2015.

não desejarmos reduzir o nosso tempo de vida, somos obrigados a, pelo menos, comer e beber líquidos diariamente.

O interesse pelo bem-estar está evidente se analisarmos os livros mais vendidos de 2015 no site da Amazon. Dentre os vinte *best sellers*, três são relacionados à saúde: dois sobre alimentação saudável, “*Clean and Hungry*” e “*The Whole 30: The 30-Day Guide to Total Health and Food Freedom*”, um sobre como evitar doenças cardíacas, “*The End of Heart Disease: The Eat to Live Plan to Prevent and Reverse Heart Disease*”.³ Podemos contar com a ajuda de médicos e nutricionistas, mas somente nós somos os responsáveis por cuidar do próprio corpo. “O corpo agora é incontestavelmente uma propriedade privada, e cabe ao/à proprietário(a) cultivá-lo. Ele/ela não tem mais ninguém a culpar pelas ervas daninhas que crescem do jardim” (BAUMAN, 2011, p. 160)

Estamos condenados a viver com o corpo que nos foi destinado. Não há como trocá-lo quando ele começa a apresentar defeitos de fábrica. Fomos educados a acreditar que existe uma relação de colaboração com ele: tratando-o bem, com bons alimentos, exercício físico e descanso, o corpo responderá trazendo-nos menos problemas. Há doenças, entretanto, que chegam sem aviso e aparentemente sem razão, como a esclerose múltipla, Parkinson ou certos tipos de câncer. Nestas doenças, além do paciente não ser o culpado pelo seu estado (exceto se culparmos sua genética), não há nada que ele possa fazer para curar-se completamente. O diagnóstico é uma sentença de morte ou de declínio na qualidade de vida nos anos que lhe restam. “A luta contra o corpo revela sempre mais o móvel que a sustenta: o medo da morte. Corrigir o corpo, torná-lo uma mecânica, associá-lo à ideia de máquina ou acoplá-lo a ela é tentar escapar desse prazo.” (BRETON, 2003, p.16)

Mesmo um corpo saudável pode nos trazer conflitos devido a algumas especificações que não são bem aceitas na sociedade. Uma pessoa de pele negra, por exemplo, provavelmente sofrerá mais preconceito que uma de pele branca. Seu tom de pele afetará em alguns momentos, infelizmente, o modo como ela é recebida por certas pessoas.

Não é apenas o racismo que surge a partir do julgamento dos outros baseados em seus aspectos físicos. Todo tipo de aparência que fuja do padrão pode ser rejeitada, desde um corpo obeso a olhos estrábicos. No século XVI, os *freak shows*, onde as pessoas pagavam para

³ Dados retirados do website da Amazon no dia 06 de abril de 2016. In: <http://www.amazon.com/best-sellers-books-Amazon/zgbs/books>

assistir a seres humanos inusitados, eram muito populares. As anormalidades físicas eram uma atração frequente, entre elas: mulheres peludas, anões, gêmeos siameses e portadores de elefantíase. O fato de possuir um corpo incomum aprisionava o seu portador em uma posição de objeto a ser exibido e analisado pelos curiosos.

A prisão imposta pelo nosso corpo é tratada de diferentes formas nas três obras. Em *O Anjo Exterminador*, as necessidades corpóreas formam um dos fatores que os levam a perder a boa conduta. Com muita sede e fome, bebem diretamente do cano, ignorando a etiqueta, e assam os carneiros no meio da sala, atividade que normalmente seria realizada pelos seus criados. As doenças que atacam seus corpos tornam-se uma ameaça de morte devido à falta de remédios na casa. Em *Entre Quatro Paredes*, os personagens não apresentam estes mesmos conflitos, já que estão mortos e a fome ou a doença não lhes preocupam. Entretanto, um dos castigos é a impossibilidade dos personagens de fecharem os olhos. Esta pequena mudança física os leva a uma existência sem descanso e eternamente vigiada por olhos alheios. É um elemento poderoso para compor o ambiente infernal. Em *O Caso dos Dez Negrinhos*, os personagens passam a preparar as refeições juntos, para que ninguém possa envenenar a comida do outro. O corpo suscetível a venenos, tiros, facadas e demais agressões violentas, deve constantemente ser vigiado para que a vida não suma dele em uma questão de segundos.

As três obras apresentam personagens aprisionados em diversos níveis. Além do ambiente fechado, outros fatores impossibilitam a consumação de sua liberdade completa: as regras de conduta ditadas pela sociedade, o medo de ser julgado pelos outros, as limitações de seus corpos, a imposição da rotina e a hesitação em aceitar a transformação. Independente da nossa posição social, profissão, nacionalidade ou estilo de vida, estamos permanentemente alternando nossa existência entre diferentes tipo de prisões. Não há um ser humano que seja completamente livre. Dependendo da situação, apenas estamos mais ou menos conscientes da nossa condição de prisioneiros. Ela torna-se óbvia quando ficamos trancados em um elevador ou somos literalmente presos em uma cadeia, mas passa despercebida em pequenos atos que já estão naturalmente assimilados em nosso cotidiano.

Referências:

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2011.
BUÑUEL, Luis. *O Anjo Exterminador*. Produção: Jesús Bracho. Cidade do México. 1962.

- BRETON, David Le. *Adeus ao Corpo*. Campinas: Editora Papirus. 2003.
- CHRISTIE, Agatha. *O Caso dos Dez Negrinhos*. Rio de Janeiro: Editora Globo. 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes. 1987.
- GAIARSA, José Angelo. *A Estátua e a Bailarina*. São Paulo: Editora Cone. 1976.
- LECHERBONNIER, Bernard. *Huis Clos: Résumé, Personnages, Thèmes*. Editora Hatier. Paris, 1972.
- LE TROSNE, Guillaume-François. *Mémoires sur les vagabonds*. Paris: Imprimeur du Parlement. 1765.
- MURCIA, Claude. *El ángel exterminador*. Paris: Bibliothèque du Film (BIFI). 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. *La República del Silencio*. Buenos Aires: Editora Losada. 1960.
- SARTRE, Jean-Paul. *Entre Quatro Paredes*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2006.

Iuli Gerbase

Atual mestranda em Escrita Criativa no programa de pós-graduação em Letras na PUCRS. Graduada em 2010 em Produção Audiovisual pela PUCRS, realizou cinco curtas metragens como roteirista e diretora, que participaram de festivais como Toronto International Kids Film Festival e Amazonas International Film Festival. Seu roteiro de longa metragem, intitulado “Mergulho”, recebeu o prêmio de primeiro lugar no Festival Guiões, em Lisboa, em outubro de 2015. Para a televisão, foi roteirista da série de animação X-Coração e atualmente prepara os roteiros da série infantil Turma 5B, a ser filmada em janeiro de 2017. Email: iuli.gerbase@acad.pucrs.br

*Enviado em 30 de julho de 2016.
Aceito em 30 de setembro de 2016.*